

GILLETS JAUNES -2018

Coletânea – P.Timm Org – (uso exclusivo sala de aula)

A crise de Macron na França é um perigo para toda a Europa



Natalie Nougayrède

Forças extremas se regozijam com a situação do presidente. Seu objetivo final é uma aquisição política do continente

Ter 4 de dezembro de 2018 19:00 GMTÚltima modificação em 4 de Dez de 2018 22h43 GMT



"A França sofre de profundas falhas domésticas que um único presidente dificilmente poderia curar em apenas 18 meses." Foto: Abdulmonam Eassa / AFP / Getty Images

PELObem da Europa, Emmanuel Macron precisa de ajuda - não de nosso desprezo ou ódio. Um jovem presidente francês reformista, que prometeu um "renascimento europeu", encontra-se lutando ao leme de um país que está rapidamente se tornando "o homem doente da Europa" novamente. Foi um momento revelador no último fim de semana, quando manifestantes desfiguraram o rosto de uma estátua de Marianne, o símbolo da república, no Arco do Triunfo, em Paris. Apenas três semanas antes, líderes

mundiais haviam se reunido lá com Macron para o centenário do armistício. Se as “paixões tristes” que Macron advertiu muitas vezes tomarem conta da França, todo um continente será afetado - não apenas a carreira política de um homem.

Forças extremas em toda a Europa estão alegremente se regozijando com a situação dos donos de gilets de Macron. Desde os linha-duros Brexiters (esquerda e direita), da Grã-Bretanha, até o forte direitista italiano Matteo Salvini, sem falar nos meios de propaganda de Putin, o sabor é inconfundível. Tristeza e caos nas democracias liberais é o que eles desenvolvem. O prêmio que os extremistas buscam é uma conquista política da Europa nas próximas eleições do Parlamento Europeu em maio. Os eventos na França são ameaçadores e sua importância se estende muito além das fronteiras de um país.



O rescaldo dos gilets jaunes tumultos em Paris - em fotos

Não muito tempo atrás, Macron orgulhosamente se autodenominava o arquiinimigo de Salvini e o húngaro Orbán, da Hungria, dois líderes cujas políticas de marcas registradas visam migrantes, opositores políticos e o estado de direito. Macron está enfraquecido, na defensiva e cada vez mais isolado.

Cenas na França nas últimas duas semanas podem parecer, para alguns, como um renascimento da revolta de maio de 1968, mas um paralelo mais pertinente pode ser em 6 de fevereiro de 1934. Naquele dia, gangues de nacionalistas de extrema direita marcharam na capital francesa e entraram em confronto com a polícia em violência que deixou 15 mortos. Os eventos do dia serviram como mito fundador daquela geração da extrema direita da França.

Macron certamente cometeu erros. A maioria dos manifestantes tem queixas genuínas, se bem que caoticamente expressas. Eles se consideram as pessoas “invisíveis” tratadas com desprezo pelas elites parisienses, e agora elas se tornaram muito visíveis com seus coletes fluorescentes. A opinião pública está por trás deles.

Um de seus membros mais eloquentes é Ingrid Levavasseur, uma jovem enfermeira e mãe solteira de dois filhos da Normandia. Na semana passada, [ela falou comovente na televisão sobre sua luta para sobreviver](#) e sobre seu profundo sentimento de injustiça: “Algumas pessoas reclamam que bloqueamos estradas, mas não reclamam quando estão presas em engarrafamentos no caminho para resorts de esqui, não é?” ela perguntou suavemente.

Play Video

0:50

Polícia e manifestantes colidem em Paris - video
Advertisement

Mas a crise da França tem correntes sinistras mais sinistras, personificadas por outro porta-voz dos giles, Jaunes, Christophe Chalençon. Um ferreiro da região de Vaucluse, no sul, Chalençon é abertamente antimuçulmano e pediu a instalação de um governo militar - “[porque um verdadeiro comandante, um general, uma mão forte é o que precisamos](#)”. Roupas de extrema-direita, como a [Action Française](#), estão tentando fazer um retorno.



Gilets jaunes protesta em França para continuar apesar do imposto sobre o combustível

[Consulte Mais informação](#)

O [anúncio](#) de hoje de [que os aumentos de impostos seriam suspensos](#) provavelmente é muito pouco, tarde demais. As ansiedades francesas são triplas. Existe o medo de perder poder e prestígio; **o medo do impacto econômico da globalização** e o medo de perder uma “identidade nacional”. O país também sofre com profundas falhas domésticas que um único presidente dificilmente poderia curar em apenas dezoito meses.

Grupos sociais inteiros se sentem confrontados: jovens versus velhos, desempregados versus empregados, rurais versus urbanos, sem qualificação versus educados. Tais divisões existem em muitos países, mas na [França](#) elas assumem uma dimensão existencial por causa do ideal de [igualitarismo](#)

historicamente associado à república. Muitos franceses sentem que a realidade não reflete o que eles têm direito a ter.

Quando Macron concorreu ao cargo em 2017, [ele prometeu uma “revolução”](#) (era até mesmo o título de seu [livro de campanha](#)) para abordar uma necessidade generalizada de renovação doméstica e uma reinicialização do prestígio francês, não apenas no cenário europeu.

Agora o presidente parece paralisado em casa, e os últimos ritos podem ser lidos em breve sobre seus planos europeus. Assim como uma enfraquecida Merkel não fez muito para ajudar Macron a relançar o projeto europeu, um Macron enfraquecido agora fornecerá novas fôrragens para extremistas e populistas em todo o continente. Os Le Pens, Orbáns e Salvini estão esperando nos bastidores. Se não encontrarmos soluções, a eleição da UE na França corre o risco de se tornar um referendo contra a Macron.

Assim, o brilho veio do presidente francês como um defensor dos liberais e pró-europeus. Mas ver isso como uma boa notícia para a Europa e a democracia em geral é assustadoramente perigosa. É como desejar um acidente de trem para que algumas carruagens possam ser substituídas. As dores sociais na França são reais e devem ser enfrentadas. Mas as forças que se beneficiam dos destroços coletivos e da violência nas ruas são aquelas que nos empurrarão para um abismo. Veja as [ameaças de morte feitas aos gilets jaunes](#) que disseram estar prontos para negociar com o governo.

Há alguns anos, uma Itália exausta e tensa teve seus “ [dias vaffanculos](#) ” de protestos (a mensagem sendo: “foda-se” para o establishment), do qual o [populista movimento Five Star](#) cresceu. O que aconteceu desde então? Este ano, a Itália caiu nas garras da extrema direita. Os atuais "dias de vaffanculo" da França levarão a um cenário semelhante, se pessoas sossegadas não ajudarem de alguma forma a reconstruir um mínimo de confiança. Não pode haver nenhum projeto democrático europeu ou justiça social sem uma França democrática europeia. O rosto de Marianne deve ser restaurado.

• Natalie Nougayrède é uma colunista do Guardian - https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/dec/04/emmanuel-macron-crisis-france-europe-far-right?CMP=share_btn_fb&fbclid=IwAR2NAXKml_0QqSlzuxmcDPDsFlw56f_5D_x23huZmcef7U-gaEIG17gA2l4

Quem são os gilles jaunes e o que eles querem?

O que começou como um protesto imposto sobre o combustível pelos condutores franceses agora apela para um sentimento anti-governo mais amplo

[Angelique Chrisafis](#) em Paris

[@achrisafis](#)

Sex 7 dez 2018 16.25 GMT Publicado pela primeira vez em seg 3 dez 2018 12.35 GMT

-
-
-

Ações
1,638



Gilets jaune manifestantes em Le Mans, noroeste da França. Foto: Jean-François Monier / AFP / Getty Images

Quem são os gilets jaunes?

<https://www.theguardian.com/world/2018/dec/03/who-are-the-gilets-jaunes-and-what-do-they-want>

Um movimento de protesto de cidadãos de base começou no início de novembro contra um aumento previsto no imposto sobre diesel e gasolina, que [Emmanuel Macron](#) insistiu que ajudaria a transição do país para a energia verde. Uma pesquisa na época descobriu que o preço do combustível se tornou o maior ponto de discussão da França.

O movimento recebeu o nome de “*gilets jaunes*” (coletes amarelos) porque os manifestantes usam as jaquetas amarelas fluorescentes que todos os motoristas devem, por lei, levar em seus carros. Mas o que começou como um protesto imposto sobre o combustível agora se transformou em um movimento anti-governo mais amplo.

Q & A

[Compartilhe sua reação e experiências](#)
exposição

Ao contrário dos anteriores movimentos de protesto franceses, surgiu online através de petições e foi organizado por trabalhadores comuns que publicaram vídeos nas redes sociais, sem um líder, sindicato ou partido político por detrás.

Um primeiro dia nacional de protestos foi realizado em toda a [França](#) no sábado 17 de novembro e os protestos continuaram diariamente, incluindo bloqueios de estradas, barricadas de rotatórias e o bloqueio de depósitos de combustível.

Como os protestos se intensificaram?

Propaganda



O Ministério do Interior francês disse que o número total de pessoas que participam da manifestação caiu desde o auge em 17 de novembro, quando cerca de 285 mil pessoas compareceram em toda a França. Em 1 de dezembro, duas semanas após os primeiros protestos, o Ministério do Interior disse que às 15h, 75 mil pessoas estavam nas ruas. Acredita-se que cerca de 100.000 no total demonstraram na França ao longo do dia.

No entanto, a violência aumentou nos protestos semanais em Paris aos sábados. Enquanto milhares de pessoas demonstraram pacificamente em 1º de dezembro, cerca de 3.000 pessoas lutaram contra a polícia, queimaram mais de 100 carros, incendiaram vários prédios e quebraram janelas de bancos e lojas em algumas das ruas mais caras da capital.

As autoridades culpam manifestantes "profissionais" de extrema-direita e extrema-esquerda por se infiltrarem nas manifestações pacíficas. O promotor de Paris informou que a maioria das mais de 300 pessoas sob custódia da polícia após a violência em Paris eram homens entre 30 e 40 anos que "vieram para combater a polícia e *afirmaram* fazer parte do movimento *gilets jaunes*".

Houve também violentos confrontos com a polícia em Toulouse. Em Le Puy-en-Velay, o escritório do prefeito local foi bombardeado com gasolina e brevemente pegou fogo.

Os manifestantes de *Gilets Jaune* em outras regiões continuam a bloquear obstáculos, e alguns depósitos de combustível foram bloqueados no noroeste. Alguns alunos do ensino médio também aderiram ao movimento e barricaram as escolas.

Uma [pesquisa para a Harris Interactive](#) conduzida após a violência em 1 de dezembro em Paris revelou que 72% dos franceses continuaram a apoiar os *gilets jaunes*, mas 85% disseram que discordavam da violência em Paris.

Quem são os manifestantes e quais são suas queixas?

Os manifestantes vêm em grande parte de [cidades periféricas, cidades e áreas rurais em](#) toda a França e incluem muitas mulheres e mães solteiras. A maioria dos manifestantes tem empregos, inclusive como secretários, trabalhadores de TI, trabalhadores de fábricas, entregadores e trabalhadores de assistência. Todos dizem que seus baixos rendimentos significam que eles não podem se sustentar no final do mês.

O movimento é predominantemente contra um sistema fiscal considerado injusto e injusto, mas há inúmeras queixas e diferenças de opinião. A maioria quer acabar com os impostos sobre os combustíveis, realizar uma revisão do sistema tributário, elevar o salário mínimo e reverter os cortes de impostos de Macron para os ricos e seu programa econômico pró-negócios. Mas alguns também querem que o parlamento seja dissolvido e Macron renuncie.

Quais são as implicações para Macron e França?

Esta é a primeira [grande crise](#) da presidência de Macron. O centrismo de 40 anos pró-negócios e pró-Europa apostou sua identidade política ao insistir que nunca cederia aos protestos de rua. Mas as pesquisas sugerem que ele é visto como não ouvindo as preocupações dos trabalhadores comuns com baixos rendimentos, e ele está sob pressão para fazer concessões.

É danoso que Macron - cujo movimento político jovem, La République En Marche, tenha sido denominado como um movimento de base para ouvir as pessoas - tenha sido pego de surpresa por essa súbita revolta fiscal. Embora Macron tenha derrotado a extrema direita Marine Le Pen na eleição presidencial do ano passado, o clima de desconfiança da classe política nunca foi embora.

Os [primeiros 18 meses](#) da presidência de Macron foram definidos por sua iniciativa de tornar as empresas mais competitivas; ele cortou impostos sobre as empresas e transformou o imposto sobre a riqueza da França, aliviando a carga tributária sobre os muito ricos.

Ele agora está sob pressão para considerar as *demandas* dos *gilets jaunes*, e para esse fim o governo executou uma reviravolta em 5 de dezembro, [quando cancelou o aumento do imposto de combustível](#), um dia depois de anunciar um congelamento de seis meses na apólice.

Consulte Mais informação

Análise

Os

[alertas da última crise enfrentada por Macron estavam à vista de todos. Os franceses são especialmente atingidos pelos impostos sobre combustíveis?](#)

Opinião

Nunca antes eu vi raiva cega como esta nas ruas de Paris. A França está profundamente fraturada. Jaets Gilets são apenas um sintoma

A política de Macron olha para Blair e Clinton. A reação foi inevitável



Larry Elliott

O presidente francês cortou impostos para os ricos, mas manteve a austeridade. É uma fórmula falhada

Qui 6 dez 2018 06.00 GMT Última modificação: qui 6 dez 2018 08.52 GMT



"O homem visto como a resposta ao populismo provocou a mais notável manifestação de raiva populista que a Europa já viu". Foto: Yoan Valat / EPA

Rioting nas ruas. Estações de enchimento sem combustível. Pânico de compra nos supermercados. Um país no caos. Não é uma visão distópica da Grã-Bretanha depois do Brexit, mas da França no aqui e agora sob o pretenso defensor do antipopularismo, [Emmanuel Macron](#).

Políticos franceses invariavelmente afirmam ser inspirados por Charles de Gaulle, e Macron não é exceção. [Sua fotografia presidencial oficial](#) o coloca em frente a uma mesa com uma cópia das memórias de guerra de De Gaulle

abertas. A mensagem subliminar de Macron para o povo francês era óbvia. Como De Gaulle, serei um líder forte. Como De Gaulle, vou me erguer acima de políticas mesquinhas e dominar o interesse nacional.

Comparações com De Gaulle certamente foram feitas nos últimos dias, mas não para De Gaulle que estabeleceu um governo francês no exílio em Londres em 1940, ou o De Gaulle que curou as feridas na Argélia em 1958. Inevitavelmente, dada [a Gillets jaunes \(coletes amarelos\) protestos](#) que surgiram em toda a França, é a ocupação das ruas de Paris por estudantes e trabalhadores em maio de 1968 que está sendo recordado.

Como De Gaulle, Macron não conseguiu identificar os protestos nas ruas. Como De Gaulle, ele parecia fora de sintonia e incapaz de uma resposta adequada. E como De Gaulle, ele pagaria um alto preço político porque sua USP era que ele nunca se renderia aos manifestantes se eles tomassem as ruas e, ao abandonar impostos mais altos sobre gasolina e diesel por seis meses, ele fez exatamente isso.



Macron retira aumento de imposto sobre combustível em face de protestos de giles

[Consulte Mais informação](#)

Não há pouca ironia no fato de que o homem que foi visto como a resposta ao populismo provocou a mais notável demonstração de raiva populista que a [Europa](#) já viu. Quando chegou ao Palácio do Eliseu, Macron foi aclamado como uma nova espécie de político, mas ele era realmente o passado, não o futuro: o último centrista tecnocrático na tradição de Bill Clinton, Tony Blair e Gerhard Schröder.

O antecessor de Angela Merkel como chanceler alemã foi o verdadeiro modelo para Macron, porque foi Schröder quem impulsionou [as reformas duras do mercado de trabalho e do bem-estar](#) no início dos anos 2000, destinadas a tornar a maior economia da Europa mais competitiva. As reformas funcionaram, mas

apenas depois de uma moda. A Alemanha tem baixo desemprego e tem um superávit comercial enorme, mas porque os trabalhadores alemães aceitaram cortes salariais e reduziram o poder de compra.

Macron achava que a mesma receita funcionaria na França, mas apesar de ter eliminado facilmente Marine Le Pen no segundo turno presidencial, seu apoio subjacente sempre foi fraco. A França escolhe seu líder em um processo de duas etapas: uma primeira rodada com vários candidatos e uma segunda rodada quando os dois candidatos com o maior número de votos se enfrentam. Há um ditado que a [França](#) escolhe na primeira rodada e elimina na segunda, e pouco mais de um em cada quatro dos que votaram na primeira rodada queria Macron.

Play Video

Polícia francesa dispara gás lacrimogêneo contra manifestantes do 'gilets jaunes' em Paris - vídeo

Propaganda

Não obstante, o novo presidente achou que ele tinha um poderoso mandato para a reforma estrutural. Ele cortou impostos para os ricos, facilitou para as empresas contratar e demitir, e assumiu os sindicatos ferroviários. Era só uma questão de tempo antes que a reação começasse.

A economia francesa tem lutado para acompanhar o ritmo da Alemanha. Tem apenas poderes muito limitados para estimular a demanda porque as taxas de juros são fixadas pelo Banco Central Europeu, e a política fiscal - impostos e gastos públicos - é limitada pelas regras do déficit orçamentário da zona do euro. A França apoiou a idéia do euro porque imaginou que uma moeda comum diluiria o poder alemão. Em vez disso, aconteceu o contrário: a Alemanha tornou-se a força dominante na zona do euro e na UE em geral. O euro funciona para a [Alemanha](#) - ou, para ser mais preciso, funciona para os exportadores alemães -, mas não funciona para mais ninguém. Tendo feito um erro de proporções históricas quando se juntou à moeda única, a França tem tentado corrigir o erro desde então.

A crise de Macron na França é um perigo para toda a Europa

Natalie Nougayrède

Enquanto ele ainda estava em seu período de lua de mel como presidente, a Macron anunciou um [plano para fortalecer a união monetária](#) criando um orçamento da zona do euro controlado pela zona do euro. Ele sabia que a única chance de Berlim concordar com essa proposta seria se a Alemanha visse sua relação com a França como uma parceria de iguais, algo que não tem sido há muitos anos. A maneira de gerar respeito era colocar a economia francesa no mesmo treinamento rigoroso que os alemães haviam aceito sob Schröder. Isso trazia o benefício adicional de conspirar com sua agenda doméstica, que era toda sobre a criação de um ambiente mais favorável aos negócios e a mudança do equilíbrio de poder no local de trabalho, do trabalho para o capital.

Os alemães sempre precisavam de persuasão, tanto sobre a conveniência de se ter uma política fiscal em toda a zona do euro que seria de se esperar que eles bancassem e sobre se a Macron poderia entregar em casa. A pior violência de rua em meio século terá confirmado todos os seus piores medos. Mas há um ponto mais amplo. Os políticos precisam perceber que a crise financeira e uma década de simplificação dos padrões de vida fizeram a diferença para o que é e o que não é politicamente viável.

É viável - de fato, desejável - usar o sistema tributário para combater a mudança climática, mas somente se o impacto nos padrões de vida for totalmente compensado por cortes em outros impostos. Caso contrário, é simplesmente mais da austeridade que os eleitores em todos os lugares estão rejeitando. E é politicamente suicida ser conhecido como o presidente dos ricos e, em seguida, dizer aos eleitores indignados com o aumento dos preços dos combustíveis para o compartilhamento de carros ou pegar o transporte público. Isso não é De Gaulle, é Marie Antoinette e “deixa eles comerem bolo”.

• Larry Elliott é o editor de economia do Guardian-
<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/dec/06/macron-clinton-blair-backlash>

[LE BON SENS >](#)

Anotações

Gilets jaunes: le discours époustouflant de Jean-Luc Mélenchon à l'Assemblée nationale

DECEMBER 04, 2018

Ce mercredi 5 décembre 2018, l'Assemblée nationale débattait du mouvement des gilets jaunes. Dans cette séance inscrite à l'ordre du jour de manière exceptionnelle, Jean-Luc Mélenchon a fait un discours qui marquera les esprits. Il a en effet pointé du doigt un gouvernement à côté de la plaque et a rappelé que beaucoup des propositions des gilets jaunes avaient été déposées sous forme d'amendements par la France insoumise... mais refusées par la majorité macroniste. Retrouvez ci-dessous la retranscription intégrale de ce discours :

« Monsieur le Premier ministre,

J'ai écouté avec attention votre discours et je l'ai entendu – comme beaucoup, je crois, ici – comme une sorte de bilan d'adieu.

Vous n'y êtes pas.

Ce n'est pas une attaque personnelle : c'est une appréciation politique.

Vous n'y êtes pas. Et je préfère vous dire bien franchement : heureux les jours que nous vivons puisqu'enfin la France est entrée en état d'insoumission générale contre un ordre injuste qui durait depuis trop longtemps.

Voici des millions de gens dont la vie avait été rendue invisible, dans l'hexagone et en Outre-Mer. Voici des millions de gens, le peuple qui entre sur la grande scène de l'Histoire de France.

Et, clin d'oeil de l'Histoire : ce gilet jaune de la visibilité routière et des tenues de chantier est devenu en quelque sorte le nouveau bonnet phrygien des Français qui s'affranchissent de la résignation, de l'isolement, et de ce silence meurtri des souffrances que l'on tait par dignité. Et pour ne pas céder.

Voici clamés enfin haut et fort des récits de pauvres vies rendues infernales par un système qui n'encourage que la cupidité, les consommations ostentatoires, l'égoïsme social, et la richesse de quelque uns au détriment de tous !

Non, la France n'est pas une start-up que dirige un petit génie!

Nous sommes une grande nation éduquée et politisée de soixante-cinq millions de personnes qui en ont assez d'être pris pour des imbéciles !

Comment avez-vous pu croire que nous ne vous verrions pas donner aux cent personnes les plus riches de ce pays 1 million d'euros chacune pendant que vous iriez les récupérer à la pompe dans la poche de ceux qui dès le 15 du mois ne savent plus comment finir leur mois ?

Comment avez-vous pu croire que nous croirions nous-mêmes un instant que ce programme et cette surtaxe étaient destinés à un programme de transition écologique alors que nous sommes capables, comme tout le monde, de nous rendre compte que sur ce total d'une somme de 3 milliards, 19% seulement sont réservés à des tâches de transition écologique ?

Comment avez-vous pu croire que nous ne trouverions pas la lettre que vous avez envoyée à la Commission européenne pour lui expliquer que les surtaxes que vous venez d'inventer sont destinées à compenser le manque à gagner dans le budget de l'État des sommes que vous avez copieusement distribuées aux riches ?

Comment avez-vous pu de façon si offensante dire aux gens du commun qu'ils rouleront moins et pollueront moins s'ils doivent payer plus cher leur carburant ? Cela alors que l'urbanisme dément dans lequel nous vivons éloigne chacun de tout et que vous aggravez cette situation en fermant des postes, en fermant des écoles et en fermant les services publics ?

Les gens savent bien qu'ils ne peuvent pas rouler moins, et, par conséquent, faute de pouvoir rouler moins, alors ils mangeront moins, ils se soigneront moins et ils pourront moins s'occuper de ces petits bonheurs qui font la vie de chacun.

L'écologie n'a rien à voir avec vos mesures. L'écologie est nécessairement populaire. Il vous reste à comprendre qu'on ne peut pas être en même temps l'ami des riches et celui du genre humain. Car les riches n'ont que des intérêts particuliers et seul le peuple porte en bandoulière l'intérêt général.

Qu'ont fait vos amis les riches des trois milliards que vous leur avez donné ? Les ont-ils placés dans la production ? Les ont-ils investis ? Les ont-ils distribués en salaires ? Non ! Ils ont tout mis dans la spéculation !

Augmentez les salaires, augmentez les minimas sociaux et, alors, vous verrez cet argent circuler partout dans l'économie pour le bien de tous.

Abrogez la surtaxe des carburants et rétablissez l'impôt de solidarité sur la fortune (ISF). Car le moment est venu que les riches soient solidaires !

Et pour le reste, assez de bricolage.

Une politique écologique est nécessairement globale et elle doit unifier dans son périmètre tous les compartiments de l'action économique depuis la formation des salariés jusqu'à la transformation profonde des modes de consommation.

C'est pourquoi la planification écologique est incontournable. Et c'est par elle qu'il faut commencer plutôt que par un hachis de mesures dont on ne sait jamais comment elles s'emboîtent les unes dans les autres et quel sens, pour finir, elles se donnent.

La planification écologique pour enfin passer au modèle de civilisation dont nous avons besoin où, dorénavant, on ne prendrait jamais davantage à la nature que ce qu'elle est capable de reconstituer. Et c'est ce que nous appelons la « règle verte ».

Nous voici aujourd'hui réunis pour voter sur votre déclaration. Nous ne savons pas bien sur quoi porte le vote. Peut-être une confiance aveugle qu'on nous demande de vous faire. Cela vous sera refusé.

Nous ne croyons pas que vous entendrez un mot de ce que nous vous disons. Pourquoi ? Parce que nous nous connaissons. Et que ce que nous disons et ce que disent, à cette heure, les gilets jaunes dans les cahiers de revendications que nous voyons, nous les avons déjà présentées ici et vous nous avez déjà répondu.

Nous vous avons proposé de taxer le carburant des compagnies aériennes et des bateaux de croisière, ce qui rapporterait autant que la surtaxe sur les carburants des pauvres gens qui ne peuvent faire autrement que d'aller en voiture. Vous l'avez refusé.

Nous vous avons proposé d'interdire sur le champ le glyphosate. Vous nous l'avez refusé.

Nous vous avons proposé un système d'impôt plus juste où l'on répartirait sur 14 tranches ce qui aujourd'hui pèse sur 5, c'est à dire, pour l'essentiel, sur la classe moyenne. Vous nous l'avez refusé.

Nous vous avons proposé que les premières quantités de gaz, d'eau et d'électricité soient gratuites pour le commun qui ne peut s'en passer – car on ne peut se passer d'aucun de ces trois éléments que je viens de mentionner. Vous nous l'avez refusé.

Nous vous avons proposé que le plus haut salaire d'une entreprise ne soit pas supérieur à 20 fois plus que le salaire le plus petit, ce qui est la revendication de la confédération européenne des syndicats. Vous nous l'avez déjà refusé.

Nous vous avons proposé de taxer les ventes de maisons à plus d'un million d'euros pour financer la rénovation des logements mal isolés. Vous nous l'avez refusé.

Nous vous avons proposé de mettre en place le référendum d'initiative populaire pour proposer une loi, pour abroger une loi ou pour révoquer des élus. Vous nous l'avez refusé.

Tout cela, c'est ce que vous retrouvez dans les cahiers de revendications. De même que cette 6e République dont quelques uns ici se moquaient volontiers à toutes occasions. Voici qu'elle surgit de la demande populaire elle-même.

Entendez que ce sont là les cris d'une époque, les cris d'un moment politique. C'est l'Histoire de France qui est en train de se passer. Ce n'est pas juste un emmerdement dans votre mandat de parlementaires !

À présent, vous comptez apaiser l'incendie que vous avez allumé en reportant la mise en oeuvre de vos décisions au lendemain des élections européennes. Nous comprenons pourquoi.

Vous frappez et vous rêvez de reporter la douleur à dans six mois. Personne ne croit à votre conversion au peuple en six mois. On peut plutôt penser que vous ne serez peut-être plus à ce banc dès la semaine prochaine.

Car même si vous embastillez des lycéens aujourd'hui, vous n'empêcherez pas qu'ils soient des dizaines de milliers vendredi dans les rues. Et les routiers, les pompiers, les agents du service public et ainsi de suite au fil des appels à la grève qui se lèvent d'heure en heure.

Il paraît que vous demandez aux gens raisonnables de rester chez eux samedi. Et bien ils iront quand même dans la rue.

Allez dire au monarque présidentiel que les gens raisonnables sont sur les ronds-points et dans les rues et qu'ils n'en partiront pas avant que vous ayez cédé pour de vrai ou que vous soyez parti. Cédez ou partez. Et quand vous partez, cédez avant. »

TRADUÇÃO

Coletes amarelos: o discurso de tirar o fôlego de Jean-Luc Mélenchon para a Assembléia Nacional

04 DE DEZEMBRO DE 2018

Nesta quarta-feira, 5 de dezembro de 2018, a Assembléia Nacional debateu o movimento dos coletes amarelos. Nesta sessão excepcional, Jean-Luc Mélenchon fez um discurso que marcará os espíritos. Ele apontou um governo ao lado da placa e lembrou que muitas das propostas de coletes amarelos foram apresentadas como emendas pela França insubordinada ... mas rejeitadas pela maioria Macronista. Encontre abaixo a transcrição completa deste discurso:

"Primeiro Ministro,

Escutei atentamente seu discurso e o ouvi - como muitos acreditam, aqui - como uma espécie de relatório de despedida.

Você não está aí.

Este não é um ataque pessoal: é uma avaliação política.

Você não está aí. E eu prefiro lhe dizer francamente: feliz nos dias em que vivemos porque finalmente a França entrou num estado de insubordinação geral contra uma ordem injusta que durou por muito tempo.

Aqui estão milhões de pessoas cujas vidas foram invisibilizadas, na França e no exterior. Aqui estão milhões de pessoas, as pessoas que entram no grande palco da História da França.

E um lampejo de história: este colete amarelo de visibilidade de estradas e uniformes de construção tornou-se, de certa forma, o novo teto frígido dos franceses que estão livres de resignação, isolamento, e isso silêncio ferido dos sofrimentos que se mantém em silêncio pela dignidade. E não desistir.

Aqui finalmente são proclamadas altas e altas histórias de vidas pobres tornadas infernais por um sistema que encoraja apenas a ganância, o consumo conspícuo, o egoísmo social e a riqueza de alguns em detrimento de todos!

Não, a França não é uma start-up que tem um pouco de genialidade!

Somos uma grande nação educada e politizada de sessenta e cinco milhões de pessoas que estão cansadas de serem tomadas por tolos!

Como você pode acreditar que nós não veríamos que você dá às cem pessoas mais ricas do país 1 milhão de euros cada, enquanto você os coloca na bomba no bolso daqueles que, a partir do 15º dia do mês, não sabem mais como terminar o mês?

Como você poderia acreditar que acreditaríamos por um momento que este programa e este acréscimo eram para um programa de transição ecológica quando somos capazes, como todo mundo, de perceber que, desse total de 3 bilhões, apenas 19% são reservados para tarefas de transição ecológica?

Como pode acreditar que não encontraríamos a carta que enviou à Comissão Europeia para lhe explicar que as sobretaxas que acaba de inventar têm como objectivo compensar o déficit no orçamento do Estado das somas? que você copiosamente distribuiu para os ricos?

Como você poderia dizer tão ofensivamente às pessoas comuns que elas dirigirão menos e poluirão menos se tiverem que pagar mais por combustível? Isso, enquanto o urbanismo louco em que vivemos, mantém todos separados e agrava essa situação, fechando postos de trabalho, fechando escolas e fechando serviços públicos?

As pessoas sabem que não podem dirigir menos e, portanto, porque não podem andar menos, vão comer menos, vão tomar menos cuidado e terão menos capacidade de cuidar desses pequenos prazeres que tornam a vida de todos .

A ecologia não tem nada a ver com suas medições. A ecologia é necessariamente popular. Resta compreender que não se pode ser ao mesmo tempo amigo dos ricos e do humano. Porque os ricos têm apenas interesses especiais e só as pessoas usam o interesse geral.

O que seus amigos fizeram com os ricos dos três bilhões que você deu a eles? Eles os colocaram em produção? Eles os investiram? Eles os distribuíram em salários? Não! Eles colocaram tudo em especulação!

Aumentar os salários, aumentar os mínimos sociais e, em seguida, você verá esse fluxo de dinheiro ao redor da economia para o benefício de todos.

Revogar a sobretaxa de combustível e restabelecer o Imposto Solidário sobre a Riqueza (TFR). Porque chegou a hora de os ricos ficarem juntos!

E para o resto, o suficiente DIY.

Uma política ecológica é necessariamente global e deve unificar em seu perímetro todos os compartimentos da ação econômica desde a formação dos empregados até a profunda transformação dos modos de consumo.

É por isso que o planejamento ecológico é inevitável. E é através disso que devemos começar, em vez de uma mistura de medidas das quais nunca sabemos como elas se encaixam umas às outras e que significado, para terminar, elas se dão.

O planejamento ecológico para finalmente passar para o modelo de civilização de que precisamos, a partir de agora, nunca mais levaríamos à natureza do que é capaz de reconstituir. E é isso que chamamos de "regra verde".

Estamos aqui hoje para votar em sua declaração. Nós não sabemos o que é o voto. Talvez uma confiança cega que nos é pedido para fazer a você. Isso será recusado.

Nós não acreditamos que você vai ouvir uma palavra do que estamos dizendo para você. Por quê? Porque nos conhecemos. E o que estamos dizendo e dizendo, a esta hora, os coletes amarelos nos cadernos que vemos, já os apresentamos aqui e você já nos respondeu.

Nós nos oferecemos para taxar o combustível de companhias aéreas e navios de cruzeiro, o que traria tanto quanto a sobretaxa de combustível para as pessoas pobres que não podem fazer mais do que ir de carro. Você recusou.

Nós propusemos proibir o glifosato no local. Você nos recusou.

Propusemos-lhe um sistema fiscal mais justo, onde dividiríamos em 14 parcelas o que hoje pesa sobre 5, isto é, essencialmente, sobre a classe média. Você nos recusou.

Nós propusemos que as primeiras quantidades de gás, água e eletricidade sejam gratuitas para o comum que não pode passar sem - porque não podemos ficar sem nenhum desses três elementos que acabei de mencionar. Você nos recusou.

Nós sugerimos que o maior salário de uma empresa não deveria ser mais de 20 vezes o salário mais baixo, que é a demanda da Confederação Européia de Sindicatos. Você já nos recusou.

Nós propusemos taxar as vendas de casas para mais de um milhão de euros para financiar a renovação de moradias mal isoladas. Você nos recusou.

Propusemos que você ponha em prática o referendo de iniciativa popular para propor uma lei, revogar uma lei ou demitir autoridades eleitas. Você nos recusou.

Tudo isso é o que você encontra nos cadernos. Como esta 6ª República, da qual alguns aqui riram voluntariamente em todas as ocasiões. Aqui surge da demanda popular em si.

Ouçá que estes são os gritos de uma era, os gritos de um momento político. É a história da França que está acontecendo. Isto não é apenas um incômodo em seu mandato parlamentar!

Agora, você pretende acalmar o fogo que você acendeu, adiando a implementação de suas decisões no rescaldo das eleições europeias. Nós entendemos porque.

Você greve e sonha adiar a dor em seis meses. Ninguém acredita em sua conversão para as pessoas em seis meses. Podemos pensar que você talvez não esteja neste banco na próxima semana.

Porque mesmo se você emboscar os estudantes do ensino médio hoje, você não evitará dezenas de milhares de pessoas na sexta-feira nas ruas. E caminhoneiros, bombeiros, trabalhadores do serviço público e assim por diante, sobre as chamadas para a greve que se elevam de hora em hora.

Parece que você está pedindo a pessoas razoáveis para ficar em casa no sábado. Bem, eles ainda vão para as ruas.

Vá dizer ao monarca presidencial que pessoas razoáveis estão nas rotundas e nas ruas e elas não irão embora até você ceder ou sair. Entregue ou saia. E quando você sair, dê antes. "

<https://outline.com/56dYgR>

- "Paris se prepara para a guerra contra a FRANÇA RURAL e a BAIXA CLASSE MÉDIA." Vejam seu post: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2275469969335692&id=100006181327418

Ocultar isto



[Scarlett Marton](#)

6 h

Paris preparou-se para a guerra: hoje todos os museus, teatros, casas da cultura, bibliotecas, centros esportivos, shopping centers, grandes lojas, estão fechados. Na região do Champs Elysées, restaurantes e bares também fecharam. Tapumes protegem as fachadas dos imóveis.

A prefeitura mandou retirar todo objeto que pudesse ser usado para fazer barricadas: pontos de ônibus foram desmontados. Tudo isso sem falar na polícia com seus tanques e bombas.

Paris se prepara para a guerra contra a FRANÇA RURAL e a BAIXA CLASSE MÉDIA.

Muito se tem falado sobre as razões econômicas e políticas desse mal-estar social. Mas ainda não ouvi nada sobre o caráter simbólico de os provincianos virem manifestar na capital e a capital procurar se defender a esse ponto dos provincianos. Desde a monarquia, sempre houve a centralização do poder (e do glamour); ela persiste - junto com os preconceitos.

[Angelica Muller](#) Bientôt! Também estou incomodada com este paralelo direto que boa parte dos nossos colegas estão fazendo... então estou escutando varios franceses, acadêmicos ou não, as coisas não estão muito claras, o que acontece em provence parece ser bem diferente dos confrontos de Paris, e as manifestações que estão se desenrolando hoje estão mais calmas comparado sábado passado... te envio um retorno nos próximos dias.

Ocultar isto

[Marisa Meliani](#) Também acho. Embora tenham semelhanças (não à política e políticos, desorganização sem partidos e sindicatos, organização pelas redes digitais), Jun/2013 foi um movimento altamente surpreendente, com pautas de esquerda mas cooptado pela direita contra a esquerda — mote corrupção e PT. Na França, as revoltas parecem uma etapa adiante, quando o neoliberalismo ou democracia liberal aparecem como os confrontados. O mote globalismo tb está presente e forte. Diria que os bolsonaristas têm pela frente o mesmo trajeto dos franceses, caso esse governo vingue. Tudo muito complexo, imprevisível e com práticas sendo criadas nas ruas e durante o processo. Só entendo que a esquerda está

mais surpreendida e paralisada nas respostas do que o populismo de direita — que tem método, capital e meios de comunicação nas mãos.

A mobilização dos coletes amarelos virou confronto violento com a polícia no sábado em Paris

https://www.liberation.fr/france/2018/12/08/sur-les-champs-elysees-la-casse-fait-partie-du-cadeau-de-noel-de-macron_1696832?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR0L_IVmXyVqPLh_GmjMp1L2wu5N_1nwZRFB5_ki8WsRFsGva3KdIHAsSO9Y#Echobox=1544279616

Nos Champs-Elysees: "O caso faz parte do presente de Natal de Macron"

É um clima de tensões extremas, difícil de definir. Desde as 9h30 deste sábado, milhares de coletes amarelos estão reunidos na Avenue des Champs-Elysees, em Paris, com a firme intenção de levar adiante o palácio presidencial. Os slogans "*renúncia de Macron, Macron um encumula você*" suceder as acusações repetidas contra as linhas de gendarmes móveis.

Se a situação pôde ser controlada nas primeiras horas, é graças às numerosas escavações e barragens de filtragem feitas pela manhã. Uma quantidade astronômica de projéteis - martelos, pavers, boules, pilhas - foi apreendida, levando seus donos à delegacia. Às 15 horas, 615 prisões já haviam sido feitas, para 508 colocações sob custódia policial.

Encontre as últimas [informações em nosso live](#)

Nos Champs-Elysées, os primeiros incidentes surgiram por volta das 10h20. Depois de cantar uma Marselhesa febril, uma centena de coletes amarelos derreteram nos gendarmes móveis. Este último contra-atacou disparando inúmeras granadas de gás lacrimogêneo. Uma vez que a faísca é produzida, o confronto é inescapável: "*Se eles queimam, eles são dilacerados*", grita um homem, com os olhos devastados pela irritação. A procissão aquece: "*filhos da puta da CRS, filhos da puta da CRS*".

Grupos pequenos ultracitados

Entre os manifestantes, *Libération* foi capaz de identificar mais uma vez, **como na semana passada**, vários membros de pequenos grupos de ultradireita, incluindo o ex-líder da obra francesa Yvan Benedetti. Mas a multidão é na maior parte muito heterogênea. Benoît, 37, um lojista, veio com dois amigos motociclistas: *"Para mim, o caso faz parte do presente de Natal de Macron. Ele nos leva para idiotas durante semanas nos ignorando, ele assume. Estamos aqui para o fim dos privilégios dos ricos. Nós, quando estamos cheios da moto, gememos com impostos. Enquanto o helicóptero da gendarmaria que nos vira na cabeça desde as 8 horas da manhã, ele tem o querosene a baixo custo."* Ao lado, Hervé, 42 anos, opinou do chefe: *"Muitos falaram do assalto final para este final de semana. Estou pronto para voltar todos os sábados até junho, se necessário. Há dois mundos agora na França: aqueles que têm tudo. E aqueles que não têm nada. Aqueles que não têm nada estão cansados e é hora de redistribuir."* No chão, vários propectus estão esfarrapados. Ele decifra a cabeça do bilionário Bernard Arnault, chefe da LVMH, com essa lenda: "culpado de desigualdades sociais!"

De repente, os "coletes amarelos" levantam suas cabeças como um homem. Um deles aponta para o terraço da farmácia Publicis. É aqui que as câmeras de televisão são reunidas. Na forma de uma música de fã, um líder concorda: *"BFM collabos, BFM fuckers"*. Centenas de pessoas o imitam, hilário. Apenas a imprensa estrangeira agradece aos manifestantes: *"A BBC quer entrevistar um de nós, é preciso alguém que fala bem"*, grita um homem cheio, toca na narina direita. Uma televisão italiana também é calorosamente bem-vinda. Este é o canal Mediaset. Um trinta e algo irrompe: *"Os italianos, pelo menos, eles vão dizer a verdade, não como BFM!"* Seu amigo responde: *"O que você sabe? Você já assistiu Mediaset?"* Resposta: *"Não, não."*

Barricadas e granadas

Cerca de 13 horas, após várias acusações e disparando gás lacrimogêneo, os Champs-Elysees deslizam em direção ao tumulto. Pranchas de madeira destinadas a botejar as lojas estão rasgadas para erigir barricadas. Que os policiais móveis limpar imediatamente com grandes reforços de granadas GLI-F4, carregado com 25 gramas de TNT. Suas explosões abomináveis mandam toda a primeira linha de manifestantes para o tapete. Algumas pernas laceradas são evacuadas nas ruas adjacentes. Opiniâtre, um homem distribui um manual intitulado "E se eu for preso pela polícia?"

Diante deste espetáculo de violência sem precedentes, Marc, 47 anos, a paisagem parece perdida: *"Mas não é possível, é novamente 1789 [a Revolução Francesa, ed] ou o quê?"* Atrás dele, uma dúzia de homens encapuzados unseal os paralelepípedos da estrada no pé de cabra: *"estamos nós, mineiros"*. Lixo e veículos de duas rodas são queimados. Mas a cena mais surrealista continua sendo a chuva de árvores de Natal, varrida pela polícia. Marc, ainda atordoado: *"Pelo menos, o CRS não terá que ir abrir seus presentes."* Ao meio-dia, o quartel da polícia contou 30 feridos, incluindo três policiais. Dois fotógrafos de *Parisien*, atingidos pelo disparo do balão de defesa (LBD40), foram levados para o hospital.

Não são mais as classes sociais que constituem a sociedade, mas as posições sociais, o historiador considera em uma entrevista com o "mundo". Daí a dificuldade de transformar essa revolta em movimento estruturado.

Pierre Rosanvallon - Entrevistado por Nicolas Truong Publicado ontem às 06:35, actualizado ontem às 06:35

https://www.lemonde.fr/idees/article/2018/12/08/pierre-rosanvallon-la-revolte-des-gilets-jaunes-revele-le-basculement-dans-un-nouvel-age-du-social_5394432_3232.html?fbclid=IwAR281r-e5lcghZWcSvGdpiCEsJRpbmSfnsdh6ov4KJ673tCajZb328rU37o

Tempo de reprodução 10 min.

Artigo de inscitos

Professor no College de France, onde ocupa a cadeira de história moderna e contemporânea da política, Pierre Rosanvallon também é presidente da associação The Republic of Ideas e publicou recentemente *Our Intellectual and Political History. 1968-2018* (Limite, 448 páginas, 22,50 euros). Ele analisa a revolta dos "coletes amarelos", numa época em que *"a opinião pública se tornou uma realidade material"*.

Artigo reservado aos nossos assinantes **[Leia também "Coletes Amarelos": sob pressão, Macron lança um pedido de ajuda](#)**

O movimento de "coletes amarelos" é uma revolta ou uma revolução?

Uma revolução não é apenas uma revolta de sucesso. Ocorre quando uma revolta é guiada pelo objetivo de derrubar um poder opressivo que mobilizou a vasta maioria da sociedade. Nós não estamos lá. Daí a inanidade da comparação com as revoluções árabes. O movimento de "coletes amarelos" é uma revolta social, mas não é um movimento social propriamente dito, com o

que historicamente envolveu em termos de comportamento organizado de ação ou polarização de objetivos.

É antes de mais nada a explosão de raiva na qual a urgência e o borrão estão misturados. Ele traz à tona o que tem sido silenciosamente submetido há muito tempo: a sensação de contar por nada, de viver uma existência reduzida, de viver em um mundo que é profundamente injusto.

É neste solo que a sensibilidade populista se desenvolveu com todos os excessos que ela manteve. O termo "desigualdade" não é suficiente para explicar toda essa responsabilidade social e moral. O problema é mais amplo e difuso. Assim como as estatísticas de renda por si só dificilmente refletem a condição daqueles para quem o "resto para viver" parece encolher, as despesas limitadas (moradia, seguro, transporte, pagamento de empréstimos, etc.) são para elas aquelas aumentaram mais.

Essa revolta nos convida a considerar o estado da sociedade com um novo olhar. Também precisamos de indicadores de dignidade e desprezo, guetização e distância social, apreensão de medos e fantasias a serem apreendidos.

Artigo reservado para os nossos assinantes **Leia também ["Coletes amarelos": "A oposição é gradualmente estruturada contra" os do alto "](#)**

em Paris. Foto: Veronique de Viguerie/Getty Images

FRANÇA ESTÁ REEDITANDO OS PROTESTOS DE 2013 DO BRASIL



[Rosana Pinheiro-Machado](#)

4 de Dezembro de 2018, 1h02 - <https://theintercept.com/2018/12/03/franca-protestos-2013-brasil/>

TEM SIDO ASSIM nos últimos dias: acordo, acesso as redes sociais e metade dos meus amigos está dizendo que as manifestações dos “coletes amarelos” na França – os *gilets jaunes* – são de extrema-direita, fascistas e ajudarão a eleger Marine Le Pen, a deputada da Frente Nacional. A outra metade comemora a revolta popular e está contente que os 50 anos das agitações de 1968 não passaram despercebidos.

Nós já vimos esse filme. E ele não leva a lugar algum.

O julgamento sobre se os protestos são à direita ou à esquerda ocorreu também nas [jornadas de junho de 2013](#) (e continua ocorrendo quando o assunto é interpretá-las) e também nos chamados “[rolezinhos](#)” de 2014. Em relação a esses últimos, lembro-me que, àquela época, boa parte da mídia nacional e internacional estava desnorreada tentando captar “o” significado dos

jovens nos shoppings centers. Como a antropóloga Lúcia Scalco e eu estudávamos o tema, jornalistas nos contatavam e perguntavam: “os rolezinhos são políticos *ou não são*?” Nós respondíamos de forma padronizada “sim e não” e explicávamos que eram manifestações juvenis contraditórias que misturavam contestação política e pulsão capitalista hedonista.

No outro dia, para nossa frustração, víamos que os meios de comunicação haviam escolhido o sim *ou* o não. A [Folha de S. Paulo](#) e a [The Economist](#), por exemplo, valorizaram a parte que os jovens queriam se divertir – e não mudança política. Já o [El País](#) espanhol e o [Libération](#) francês noticiavam o fenômeno com expressões de luta e rebelião contra a segregação. A discrepância que existia na cobertura era em si um novo fato a ser analisado, um sintoma de uma incompreensão maior acerca de novas formas de ação coletiva no século 21.

Quando estourou a [greve dos caminhoneiros](#), Lúcia e eu estávamos em campo novamente, sentadas em uma cadeira de praia no lado dos caminhões estacionados e ouvindo, por exemplo, eleitores de Lula que seguravam uma faixa de intervenção militar e queriam “Fora Temer”, “revolucionar o país”, “preços justos para o povo”, mas que também diziam “quem sabe não voto nesse tal de Bolsonaro para ter uma mudança”?

Nas redes sociais ou nos jornais, a história interpretativa do “é ***ou*** não é” – do binarismo primário, das disputas por verdades fechadas e dos desejos e projeções pessoais, políticas ou corporativas – se repetia uma vez mais.

A era das revoltas ambíguas

Para desenredar o nó desses movimentos cujo os repertórios e contextos são tão diferentes entre si – mas que compartilham do fato de que poucos parecem estar dispostos a entendê-los em seus próprios termos e sua própria contradição e complexidade –, nós precisamos, urgentemente, abandonar as lentes dicotômicas através das quais compreendemos o mundo político no século 20. Nós adentramos no século 21, na era do que tenho chamado de “revoltas ambíguas”.

Fruto da [crise econômica](#) de 2007 e 2008, as revoltas ambíguas são um fenômeno que veio para ficar. Elas são uma resposta imediata do acirramento de austeridade do neoliberalismo do século 21, marcado pela crescente captura dos estados e das democracias pelas grandes corporações.

Se o neoliberalismo flexibiliza as relações de trabalho e, conseqüentemente, as formas de fazer política sindical, atuando como uma máquina de moer coletividades, des-democratizar, desagregar e individualizar, os protestos do precariado tendem a ser desorganizados, uma vez que a esfera de politização deixa de ser o trabalho, mas ocorre de forma descentralizada nas redes sociais. Os protestos ocorrem mais como *riots* (motins) para chamar atenção: barricadas, vias interrompidas, pixação e escalada do Arco do Triunfo, [como ocorreu recentemente na França](#).

Eles nascem, muitas vezes, de forma espontânea e contagiosa, sem grande planejamento centralizado e estratégico, expressando um grande sentimento de revolta contra algo concreto vivenciado em um cotidiano marcado por dificuldades. São um grito de “basta”. Por isso, as pautas dos transportes e dos deslocamentos são tão centrais (o preço da tarifas de ônibus nas jornadas de Junho; o preço da gasolina nas greve dos caminhoneiros e, agora, o imposto sobre o diesel na dos coletes amarelos).

Não é raro que esses protestos cresçam em onda de contágio e evoluam para pautas maiores: o custo de vida ou a corrupção.

Não é raro que esses protestos cresçam em onda de contágio e evoluam para pautas ainda maiores: o custo de vida ou a corrupção. Assim, eles vão gerando profunda coesão entre os participantes ao longo dos atos e, por isso, os acampamentos são tão importantes: eles invertem o abandono e a opacidade individualista da rotina de trabalho precarizada. São manifestações que politizam os sujeitos durante o processo.

Não é raro também que as revoltas ambíguas carreguem um forte componente patriótico (mas não necessariamente nacionalista), pois, como pontuam as sociólogas Donatella della Porta e Alice Mattoni, em “Spreading protest: social movements in times of crisis”, a revolta do precariado é justamente por mais políticas sociais nacionais, a partir de um entendimento de que a globalização do capital internacional não foi revertida em uma melhoria de vida da as pessoas comuns.

No livro “A Precariat Charter: From Denizens to Citizens”, o sociólogo inglês Guy Standing, chama o precariado de “as classes perigosas” e suas revoltas de “rebeliões primitivas” – o sociólogo Ruy Braga também aborda o assunto de um ponto de vista marxista no seu livro mais recente, “[A Rebelião do Precariado](#)”. Para Standing, suas revoltas são anti-austeridade e sugerem que as democracias liberais e o capitalismo não entregaram suas promessas. Para o autor, elas vêm com alto teor de frustração, anomia, ansiedade, alienação de pessoas que vivem sem identidade profissional, em estado de insegurança, empobrecimento e endividadas.

As revoltas do precariado não têm forma acabada: elas são um início, um grito, um pedido de basta.

Parece-me anacrônico a fixação que alguns têm de discutir, desde as redes sociais, se a greve dos caminhoneiros ou os coletes amarelos são ou não são de esquerda. As revoltas do precariado não têm forma acabada: elas são um início, um grito, um pedido de basta.

As categorias de esquerda **ou** direita não dão conta das emergentes ondas contenciosas, as quais “são e não são” ou “isso e aquilo”. Contudo, isso não significa que o antagonismo ideológico não seja mais importante – ainda mais em plena época de polarização e populismo em escala global. Elas apenas não contemplam sua explosão contraditória. Direita e esquerda são os polos para onde as rebeliões ambíguas podem pender. São, portanto, um devir, uma disputa, um fim.

Seres humanos e sujeitos políticos tendem a continuamente produzir dicotomia. Isso significa que a ambiguidade não é um lugar no qual conseguimos nos manter por muito tempo. Assim, a radicalização dos sujeitos que se engajam nesses movimentos tende a um caminho natural.

Além disso, uma vez que sentimos a “energia vital” advinda da participação em um processo de efervescência social (aquela sensação de que nunca mais seremos os mesmos depois da experiência da luta coletiva), entramos num caminho sem volta.

Em 2016, quando nós revisitamos os rolezeiros para ver, afinal, para qual lado do pêndulo ideológico eles tinham virado, aprendi uma lição importante sobre as revoltas ambíguas. Uma parte dos jovens tinha se transformado em *bolsominion*, e uma outra parte era radicalmente contra, aderindo a lutas anti-fascistas, homofóbicas, racistas e machistas. E a lição foi precisamente entender que, nesses movimentos marcados pela descentralização e pela molecularidade, nós não teremos necessariamente a radicalização do movimento “com um todo” (por que não existe um movimento como um todo), mas de sujeitos e redes em particular.

Ou seja, a esquerda precisa disputar, primeiro o que é possível: indivíduos, redes e inserções. Quando os motoristas de aplicativos pararem – porque isso um dia deve acontecer –, e o Brasil entrar num novo surto de “o que está acontecendo?”, seria mais inteligente não exigir carteirinha de “bom trabalhador” nem *check-list* de entrada no clube ideológico. Os trabalhadores precarizados tendem a direita pela própria natureza injusta e individualista de seu trabalho, mas isso não elimina a injustiça que está lá de forma latente. O populismo de direita, esse sapo medonho, se veste de príncipe, não escolhe militante, estende a mão e acolhe. Uma grande parte de nós tem feito o oposto: rechaçado, ridicularizado e tachado tudo aquilo que não compreende.

A esquerda brasileira não vai conseguir disputar as revoltas ambíguas em sua totalidade, porque elas são monstros disformes mesmo. Mas pode disputar trabalhadores por meio do uso renovado das redes sociais, do emprego da micropolítica da conversa face a face (como foi feito no movimento #viravoto). Finalmente, a eleição de deputadas como a latina [Alexandria Ocasio-Cortez](#) nos Estados Unidos, com forte discurso de identidade de classe trabalhadora, dá-nos pistas de que é necessário o retorno à radicalização de discurso que dialogue com a profunda e latente frustração popular.